

Educação à distância, vista dos Apalaches

14 JUL 1997

MARCOS FORMIGA

O novo ambiente da aprendizagem foi o tema do recente 18º Congresso Mundial do ICDE (International Council for Distance Education), no bonito campus da Penn State University, região caipira do estado da Pennsylvania. Os índios que habitavam as montanhas de Nittany Valley usavam, já em épocas pré-colombianas, técnicas de comunicação e aprendizagem à distância: o som dos tambores e os sinais de fumaças. Certamente eram também mais organizados do que seus atuais sucessores.

O Congresso conseguiu dar um passo adiante na concepção e no uso dos meios de aprendizagem utilizados pelos países líderes no assunto, onde o Brasil é reconhecido na área pelo uso da televisão. No entanto, deu um passo para trás em organização, já que no 17º Congresso os ingleses comemoraram com eficiência os 25 anos da mais bem-sucedida experiência de Universidade Aberta, em Birmingham.

Tal qual o sonho desfeito da Rio 2004, São Paulo perdeu para Viena, na Áustria, a possibilidade de sediar o 19º Congresso, o último a ser realizado no apagar do século XX, em 1999. Isto quando a educação à distância conseguiu se firmar no Brasil como uma opção indispensável à solução dos problemas educacionais

crônicos dos grandes contingentes da população que ainda clamam por uma segunda chance — desta vez, as escolas vão a eles, e não mais será um motivo de triste lembrança quando, pelo fracasso social, tiveram de evadir/ou excluir-se. Esta possibilidade recompensa em muito a honra — ou mesmo a vaidade — de sediar um congresso mundial no Brasil.

Concomitantemente ao Congresso nos Estados Unidos, um fato merece registro. Na mesma semana, a edição da revista de maior tiragem mundial, "Time", reconhecia a importância da telenovela latino-americana, com especial destaque para o fenômeno brasileiro liderado pela Rede Globo e secundado pela Televisa, do México. A reportagem de capa prima pela quebra de padrões de comportamento ditados pela mídia televisiva e pelo volume dos cifrões do *showbiz* moreno, ao Sul do Rio Grande. Mas, lamentavelmente, esquece de um aspecto construtivo, que se fortalece na TV latino-americana, que é o de aliar a diversão à educação. Vejamos dois exemplos:

1) O Telecurso 2000, parceria com Fiesp, Sesi e Senai, buscou na teledramaturgia a maneira de levar a milhões de

trabalhadores brasileiros uma maneira atraente e simples de transmitir conteúdos de Primeiro e Segundo Graus e profissionalizante em mecânica.

2) A televisão russa, assessorada pelo Banco Mundial, veio buscar nas novelas brasileiras a forma eficiente de ensinar o funcionamento da economia para os russos, depois de 70 anos de intervenção artificial no mercado.

No momento, somente a música popular e a novela aqui produzidas se constituem em manifestações da cultura brasileira universalmente aceitas. Por mais que nossos escritores e cientistas mereçam um Nobel de Literatura ou Ciências, o prêmio ainda é um sonho de uma noite de verão, ou melhor, de um apazível inverno, como este de 1997.

Na Pennsylvania, a liderança da teleducação praticada pela FRM foi reafirmada em três ocasiões neste Congresso. Primeiro, quando o Telecurso foi mostrado como programa de educação à distância, sintonizado com os novos paradigmas da aprendizagem, que centram no aluno o foco do processo do conhecimento. Um segundo momento aconteceu por ocasião da apresentação do projeto "Alfabetizar é construir", outra parceria bem-su-

Aprender será
cada vez mais
uma atividade
lúdica e
divertida.

cedida com o Sinduscon, que leva ao operário da construção civil as primeiras letras recheadas da auto-estima que eles até então desconheciam.

Por último, a parceria com a Escola do Futuro da USP com o apoio da AT&T, que colocará no ar, neste segundo semestre, a primeira biblioteca virtual brasileira, incluindo todo o acervo dos livros do Telecurso 2000.

A presença brasileira foi significativa. A Abed (Associação Brasileira de Educação à Distância), as universidades (USP, UFRJ, UnB, PUC-Rio, Castelo Branco), a Fundação Vanzolini, o Sesi, o CEL, totalizando três dezenas de professores, profissionais e consultores lá estiveram apresentando suas experiências, e tiraram o máximo de proveito, com os produtivos contatos nos corredores, paralelos ao evento em si.

Nesses contatos, era grande a curiosidade acerca do Futuro — o primeiro canal privado — que, em parceria com empresas, enfocará o conhecimento, e do programa brasileiro de informatização das escolas públicas, que já se encontra em licitação para adquirir os primeiros computadores.

Tudo isso faz pensar que, no momento histórico em que se procura balizar a Educação à Distância a partir da LDB, é preciso enxergar esta modalidade de ensino como o caminho pelo qual, sem sacrifício da qualidade e da seriedade,

grande número de brasileiros receberá educação como passaporte para uma ocupação digna que lhe assegure, mais do que um salário, uma participação efetiva na construção do seu futuro e de sua própria cidadania.

Para isto, os padrões ultrapassados do centralismo e da burocracia que tornam ineficiente o ensino tradicional não podem ser adaptados ou transferidos para a Educação à Distância. O momento é de decisão, e neste caso, diferentemente dos índios das Montanhas Apalaches, nosso passado, remoto ou recente, nos condena.

O novo ambiente da aprendizagem está associado à rápida evolução das tecnologias educacionais que estão transformando o mundo e a vida de todas as pessoas.

A participação do Brasil neste novo ambiente estará garantida pela nossa criatividade. Contrariando o modelo já ultrapassado da racionalidade cartesiana, iremos compartilhar da arte de ensinar e aprender sorrindo. Usando as múltiplas inteligências do brasileiro, aprender será cada vez mais uma atividade lúdica e divertida. Este é o nosso ponto forte. Vamos explorá-lo da maneira mais inteligente possível.

MARCOS FORMIGA é superintendente de Teleducação da Fundação Roberto Marinho.